

EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA PARTILHADA PARA A PROMOÇÃO DE PEDAGOGIAS INOVADORAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Paisagem Protegida da Albufeira do Azibo – Uma plataforma de trabalho

Elza Mesquita [1]; Maria José Rodrigues [2]; Paulo Castro [3]; Paulo Mafra [2,4]
Alunos do 2º Ano do Curso de Educação Ambiental da ESEB [5]

[1] Departamento de Supervisão da Prática Pedagógica de Educadores de Infância e professores do 1º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Bragança

[2] Departamento de Ciências da Natureza da Escola Superior de Educação de Bragança,

[3] Departamento de Ciências Sociais da Escola Superior de Educação de Bragança,

[4] LIBEC/CIFPEC, Universidade do Minho, Braga

[5] Escola Superior de Educação de Bragança – Instituto Politécnico de Bragança

elza@ipb.pt, mrodrigues@ipb.pt, castrogeo@ipb.pt, pmafra@iol.pt

Resumo

As experiências educativas suportadas por projectos de temática ambiental podem contribuir para a formação integral da criança e para a construção de uma cidadania participada, participativa e consciente, recorrendo ao trabalho dentro e fora da sala de aula, utilizando o ambiente como recurso e como uma plataforma de trabalho com crianças, integrando saberes e métodos de pesquisa de diferentes áreas disciplinares. Com o presente estudo pretendemos dar a conhecer práticas desenvolvidas por docentes e alunos da Escola Superior de Educação de Bragança (ESEB), no âmbito da Educação Ambiental. A actividade descrita é o resultado de um trabalho desenvolvido pelos alunos do 2.º ano do Curso de Educação Ambiental da ESEB na unidade curricular de Turismo e Ambiente que se desenvolveu em três etapas: Na primeira etapa os alunos planificaram a actividade nomeadamente no que respeitou à definição de objectivos, público-alvo e metodologia; numa segunda etapa, procedeu-se à operacionalização da actividade que consistiu numa visita de estudo, com crianças de 4º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico, à Paisagem Protegida da Albufeira do Azibo, no concelho de Macedo de Cavaleiros. Na terceira etapa efectuou-se a avaliação da actividade com base num questionário dirigido às crianças que participaram em todas as dinâmicas desenvolvidas no decorrer da mesma. Os resultados apresentados, ainda que preliminares, permitem destacar a importância que este tipo de acções tem para o desenvolvimento de uma consciência ambiental face aos problemas que, a cada passo, emergem no nosso planeta. Por tal, é pertinente que se desenvolva um trabalho educativo com as crianças desde os primeiros anos de escolaridade, devendo constituir-se também como práticas a realçar dos futuros educadores ambientais.

Palavras-chave: Educação Ambiental – Práticas Didáctico-pedagógicas Integradas – Paisagem Natural Protegida

1. Introdução

A mudança no ensino depende do espírito inovador imprimido nas práticas didáctico-pedagógicas dos professores devendo estes estar conscientes que os problemas ambientais não dizem só respeito aos outros. Criar e desenvolver projectos no âmbito da Educação Ambiental, e de cooperação entre profissionais e as instituições, ponderando as estratégias/actividades que podem ser facultadas às crianças permitirá desenvolver uma consciência crítica e empreendedora face ao ambiente, não esquecendo que estas serão os pensadores do futuro, também eles com responsabilidades educativas. É por tal necessário que, enquanto crianças, tenham referências educativas que permitam actuar conscientemente sobre o meio ambiente.

Consideramos que quer o espaço físico da escola quer o espaço fora dela se constituem em contextos a considerar para o desenvolvimento de práticas didáctico-pedagógicas integradas em Educação Ambiental.

Como cidadãos, as crianças e os jovens devem aprender a tomar decisões relativas ao ambiente e estar conscientes quanto à tomada de decisões que podem ter consequências ambientais. De acordo com o Ministério da Educação (1990) “devem promover-se atitudes relacionadas com a conservação e melhoria do ambiente, o uso racional dos recursos naturais assim como de uma participação esclarecida e activa na resolução de problemas ambientais” (p. 91). Estas atitudes devem passar pela unificação e organização da educação, no sentido que tentou mostrar Dewey (2002) quando refere que a

experiência que a criança adquire de uma maneira familiar e natural seja transportada e utilizada na escola e o que a criança aprende nela seja devolvido e aplicado na vida quotidiana, tornando a escola um todo orgânico ao invés de um conjunto de partes isoladas. A experiência tem elementos geográficos e vertentes artísticas e literárias, científicas e históricas. Todos os estudos surgem de uma mesma terra e de uma mesma vida que nela decorre. Não temos uma série de terras estratificadas, uma que seja a matemática, outra física, outra histórica e assim por diante. Não conseguiríamos viver muito tempo numa destas terras (p.79).

Percebe-se claramente através de Dewey (2002) que estamos perante uma sociedade onde nenhum aspecto é vivenciado isoladamente, encontrando-se inexoravelmente relacionados, o que deverá permitir à criança uma relação concreta e activa no contacto permanente que estabelece com a escola e fora dela. Daí a importância de se pensar as estratégias didáctico-pedagógicas numa perspectiva integradora dos diferentes saberes, correlacionando todos os domínios sem ter de, necessariamente, recorrer a dispositivos próprios. Dewey (2002) acentua que basta relacionar-se “a escola com a vida [que] todos os domínios de estudo ficarão necessariamente correlacionados.

Neste enquadramento, as experiências educativas de projectos de temática ambiental, recorrendo ao trabalho dentro e fora da sala de aula, utilizando o ambiente como recurso e integrando saberes e métodos de pesquisa de diferentes áreas disciplinares, podem contribuir para a formação integral dos alunos e para a construção de uma cidadania participativa e consciente. Permitem ainda a promoção de perfis de aprendizagem que se constituem em práticas didáctico-pedagógicas diferenciadas, podendo desenvolver-se actividades que contemplem ambientes de aprendizagem com espaços e opções flexíveis.

Como defendem Fernandes, Gonçalves, Pereira e Azeiteiro (2007) entendemos a Educação Ambiental como “um processo de reconhecimento de valores e clarificação de conceitos que promove a aquisição não apenas de conhecimentos e conceitos mas fundamentalmente de capacidades, comportamentos e atitudes necessários para abarcar e apreciar as relações de interdependência entre o Homem, o seu meio cultural e o ambiente” (p.13). Neste contexto, as actividades de educação ambiental devem ser rigorosamente planificadas no sentido de promover a mudança de atitudes face ao ambiente. Contudo, tal como nos alertam Giordan e Souchon (1997), para abordarmos uma problemática ambiental é necessário “estabelecer com nitidez um quadro de referência global que integre o contributo particular das diversas disciplinas e que ponha em evidência a sua interdependência” (p.123). Isto, porque uma temática deste género não nos permite inseri-la numa abordagem eminentemente disciplinar, porque não compreende ou não cabe num ensino cuja tendência seja o de fragmentar, separando educação e ambiente. Por tal, é necessário reconhecer

que qualquer medida na área curricular supõe a qualidade educativa, na qual se deve inserir uma visão multidimensional do acto educativo, promovendo atitudes e valores pró-ambientais, uma vez que optimizam e influenciam as metas educativas das crianças e as atitudes que as mesmas tomarão no futuro.

Surgem, no entanto, um conjunto de questões-problema cuja solução passa não só pela escola, mas também pela comunidade envolvente. Deverá existir uma co-responsabilização de ambas as partes para que as crianças possam (co)existir num espaço e num tempo que lhes são próprios e que possam contribuir para o seu bem-estar futuro. Poderemos, então, questionar: como efectuar ou fazer efectivar-se uma educação ambiental que não seja meramente enciclopédica? E de que forma poderemos sensibilizar as crianças para que possam ser elas os actores da sua formação em contextos reais? Antes de clarificarmos estas questões gostaríamos de deixar assente que não menosprezamos o saber enciclopédico, apenas consideramos que pode existir e coexistir uma conciliação saudável entre a teoria e a prática. Posicionando-nos face às questões anteriores alertamos para a necessidade de desmistificar a ideia de que existe ou persiste uma única pedagogia para se pensar em estratégias didáctico-pedagógicas para uma educação ambiental, que terá de ser abordada numa perspectiva integrada.

Na verdade existem algumas dificuldades que é necessário transpor para entendermos a educação ambiental numa perspectiva de ensino integrado. Apresentamos algumas dessas dificuldades anotadas por Giordan e Souchon (1997) e que incidem, sobretudo, sobre o ajustamento do horário escolar e dos tempos do recreio, o insuficiente número de estruturas de acolhimento no terreno (fora do recinto escolar) e a subutilização das que existem. Também se referem às reservas de participação activa por parte dos profissionais de ensino e à insuficiência de pessoal qualificado para a dinamização de actividades complementares.

È neste sentido que o educador ambiental se pode apresentar como um valioso contributo para a dinamização e divulgação interventiva e interventora em ambientes de aprendizagem que permitam verificar a orientação da sua formação e o seu desempenho como agente promotor de saúde e do ambiente em contexto escolar, apoiando os docentes na planificação e execução de actividades didáctico-pedagógicas, no sentido do desenvolvimento de pedagogias adequadas e inovadoras. Daí que se torne pertinente a necessidade de, no seu percurso de formação inicial, criar situações práticas de contacto com actividades no terreno e com um público-alvo específico, nomeadamente as crianças, que os futuros educadores ambientais irão encontrar no mercado de trabalho. Na sociedade actual, em constante mutação, os espaços naturais desempenham um papel importante na qualidade de vida das populações. Estes espaços, pelas características que possuem, permitem a sua utilização para a realização de actividades recreativas e constituem-se como um verdadeiro património que se deve conservar e salvaguardar, devendo assumir-se como um contexto privilegiado para o desenvolvimento de práticas didáctico-pedagógicas mais sustentadas.

A União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN) expressa que as áreas protegidas são “uma superfície de terra e/ou mar especialmente consagrada à protecção da natureza e manutenção da diversidade biológica, assim como os recursos naturais e os recursos culturais associados, e utilizada através de meios jurídicos e outros meios eficazes” (IUCN, 1994, p. 12). As “áreas

protegidas” foram criadas com propósitos de protecção do património natural, dos ecossistemas, da fauna e da flora, proporcionar a investigação científica, educação ambiental, entre outros objectivos.

Os espaços naturais protegidos contribuem de forma decisiva para a sobrevivência da sociedade humana, sobretudo através da preservação do seu património natural e cultural. Estes possuem diversos objectivos e funções, nomeadamente, a protecção de diversas espécies de fauna e flora, preservação de bacias hidrográficas ou melhoria da qualidade ambiental. Além destas funcionalidades os parques naturais desempenham um papel importante na investigação científica e na educação onde se integra a educação ambiental. Constituem-se numa componente notável para a satisfação das necessidades básicas do homem, pelo que devem ser um elemento importante nas estratégias de desenvolvimento sustentável e de uso adequado dos recursos naturais.

As dimensões apontadas justificam a necessidade de se promoverem actividades de educação ambiental, também por ser um instrumento importante para a sensibilização da consciência ambiental das pessoas e para a sua aproximação aos espaços naturais protegidos. Assim, entendemos que os espaços naturais, na vertente de áreas protegidas, constituem um património e um recurso com grandes potencialidades para o desenvolvimento das actividades de educação ambiental, numa perspectiva de integração curricular.

2. Desenvolvimento

2.1. Descrição da actividade

A acção didáctico-pedagógica que se descreve e analisa consistiu na realização de uma visita à Paisagem Protegida da Albufeira do Azibo (P.P.A.A.), no concelho de Macedo de Cavaleiros. Este espaço natural pertence à rede nacional de espaços naturais protegidos tutelados pelo Instituto da Conservação da Natureza e Biodiversidade.

A actividade foi realizada e dinamizada pelos alunos do 2º ano do Curso de Educação Ambiental da Escola Superior de Educação de Bragança ao longo do 1º Semestre do ano lectivo de 2007/2008, na unidade curricular de Turismo e Ambiente. Teve como principal finalidade a aquisição de conhecimentos e competências que possibilitassem aos alunos pôr em prática actividades e projectos educativos que representassem uma visão da sua prática profissional, privilegiando o contacto directo com a comunidade. Por outro lado pretendeu-se, também, proporcionar actividades de EA a crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB). Esta e outras actividades surgiram por considerarmos a escola como um lugar privilegiado para o desenvolvimento de competências, promovendo a aquisição de valores e fomentando atitudes e comportamentos pró-ambientais. Torna-se urgente uma intervenção eficaz, ao nível da educação que, na perspectiva de desenvolvimento sustentável, inverta a tendência actual. O contexto de recolha de dados foi, neste sentido, o ambiente natural, porque acreditamos que o “ambiente próximo o «entorno» físico y socio-cultural que contiene información susceptible de ser «leída» por los estudiantes y, a la vez, resulta ser lo suficientemente «poroso» y plástico como para dejarse penetrar y condicionar por una escuela abierta ao território” (Novo, 1998, p. 182).

2.2. Objectivos

Com a realização desta actividade pretendeu-se desenvolver os seguintes objectivos:

- Despertar o interesse pela participação em actividades relacionadas com os espaços naturais protegidos;

- Promover atitudes e comportamentos de acordo com valores ambientais;
- Incentivar o gosto pela natureza;
- Contactar directamente com aspectos naturais e humanos do meio;
- Observar a fauna e flora da Paisagem Protegida da Albufeira do Azibo;
- Realizar actividades práticas e trabalho de campo;
- Participar em discussões sobre questões ambientais;

2.3. Público-alvo

A actividade teve como público-alvo os alunos de 4º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico da Escola E.B.1 Artur Mirandela, do Agrupamento de Escolas Augusto Moreno de Bragança. Participaram na actividade 10 crianças e a professora responsável pelo grupo/turma.

2.4. Etapas da actividade

A actividade consistiu em 3 etapas que se encontram descritas no Quadro 1.

Quadro 1 – Etapas da actividade

Etapa	Descrição
1ª Etapa Planificação	Planificação da actividade em sala de aula com a participação activa dos alunos de EA e docente responsável pela unidade curricular. Esta etapa consistiu na definição de objectivos; selecção do público-alvo e definição das acções a desenvolver no decorrer da actividade. Procedeu-se, ainda, ao contacto com diversas entidades e organismos para a obtenção dos recursos materiais e humanos necessários para a concretização da actividade.
2ª Etapa Implementação	Realização da visita à P.P.A.A.. No decorrer da visita foram realizadas várias actividades nomeadamente: visita guiada ao Núcleo Central de Salselas; almoço convívio; percurso pedestre Ricardo Magalhães; observação da fauna e da flora.
3ª Etapa Avaliação	Avaliação do impacto da actividade nas crianças de 1º CEB. Esta fez-se através de um inquérito por questionário aplicado às crianças no final da actividade e da elaboração de cartazes em grande grupo realizados alguns dias após a actividade.

2.4.1. Visita à Paisagem Protegida da Albufeira do Azibo

Na fase de planificação efectuou-se uma visita à P.P.A.A. (*vide* Figura 1) com o objectivo de reconhecer e seleccionar a área onde se iriam implementar as actividades pensadas à priori. Neste processo teve-se a colaboração de uma professora responsável pela Ecoteca de Macedo de Cavaleiros, cuja participação consistiu na identificação e selecção dos aspectos mais representativos do espaço natural protegido.

As actividades planificadas, das quais se deu conhecimento às crianças através de desdobráveis, realizaram-se no dia 8 de Fevereiro de 2008. Ao longo do dia as crianças puderam contactar com diversos espaços e experimentar sensações, através da visualização e manipulação de materiais.



Figura 1 – Albufeira do Azibo

No Núcleo Central de Salselas assistiram a uma palestra sobre a fauna e a flora do P.P.A.A., tendo-se seguido uma visita guiada ao museu de arqueologia.



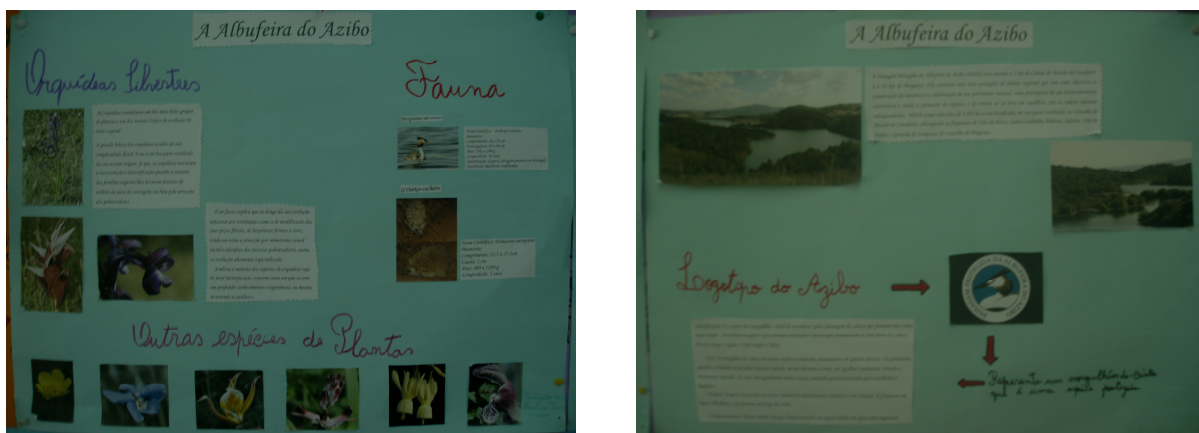
Figuras 2 e 3 – Palestra e Visita ao Museu Arqueológico

Depois do repasto ao ar livre, formaram-se três grupos, seguiu-se para a aldeia de Santa Combinha onde se formaram três grupos de crianças para realizar o percurso pedestre Ricardo Magalhães. Após a definição das regras a ter em conta no contacto com a natureza iniciou-se o percurso ao longo do qual foram realizadas várias actividades, nomeadamente, um *peddy-papper*, observação da fauna, da flora e das rochas e outros jogos didáctico-pedagógicos.



Figuras 4, 5 e 6 – Percurso Pedestre, Observação à Lupa Binocular e *Peddy-Papper*

No sentido de se perceber a sustentação e a construção de competências no âmbito da E.A. após duas semanas da realização das actividades as crianças construíram, em grupo, cartazes onde especificaram, com a utilização de registos icónicos e textuais, os aspectos que consideraram mais relevantes.



Figuras 7 e 8 – Cartazes elaborados pelas crianças

Neste enquadramento, podemos concluir que a escola deve perceber que nos contextos que a rodeiam existem um conjunto de equipas capazes de contribuir para a promoção do sucesso educativo, com objectivos próprios mas, também, comuns. Aliar a escola a uma comunidade com interesses ambientais permite que as crianças e profissionais construam um contexto educativo de qualidade, onde as aprendizagens, de carácter integrado e integrador, devem acentuar que os problemas ambientais extrapolam a escola.

3. Resultados e Discussão

As considerações que se tecem sustentam-se na análise realizada ao questionário que as crianças preencheram no dia seguinte à realização das actividades. Quando questionados sobre a actividade que mais gostaram de realizar, entre as opções *percurso pedestre*, *visita ao museu* e *palestra*, quatro das crianças assinalaram a opção *percurso pedestre*, três responderam *visita ao museu* e as restantes três assinalaram todas as opções possíveis.

Numa análise de conteúdo realizada ao teor das respostas que justificam a opção anterior verificámos que mais importante do que gostarem ou não das actividades realizadas foram os argumentos apontados, dos quais se destacam os seguintes registos:

Eu gostei do percurso pedestre porque foi interessante, divertido e fiquei a aprender coisas e também porque foi uma nova coisa que eu nunca tinha feito ao longo destes anos.

Eu gostei do museu porque tinha muitas coisas antigas que não se vêem todos os dias.

Gostei mais da palestra porque aprendi mais coisas sobre a natureza, da visita ao museu porque vi coisas antigas, e do percurso pedestre porque fizemos jogos e ouvimos os sons da natureza.

Quando questionadas sobre se gostaram do local (P.P.A.A.) que visitaram todas foram unânimes na resposta, sendo esta afirmativa. Justificaram a opção tomada registando-a. Apresentam-se alguns desses registos:

Sim, porque não é a mesma coisa que a nossa sala, é diferente e é muito bonito.

Sim, porque a natureza não estava poluída e estava muito bem organizado.

Porque foi um sítio que nunca tinha visto de perto e porque fiquei a saber coisas novas sobre a natureza.

Foi ainda pedido que classificassem qualitativamente, numa escala de *não satisfaz* a *excelente*, o desenvolvimento das actividades tendo-se obtido oito respostas de *Excelente* e duas de *Muito Bom*.

Relativamente à actividade que realizaram de expressão escrita imaginando que tinham de escrever uma carta a um amigo ou amiga relatando a aventura que viveram no espaço P.P.A.A. contribuiu para firmar e salientar os aspectos mais positivos do desenvolvimento da actividade.

No Quadro 2 apresentam-se os dados que revelámos em quatro categorias de análise que emergiram das descrições gráficas, em termos de expressão escrita, que as crianças elaboraram numa actividade posterior. Posicionámo-nos então sobre: *Atitudes Ambientais*; *Presença do lúdico nas práticas didáctico-pedagógicas*; *Valorização das interações*; e *Organização do espaço e tempo pedagógicos*, para dar voz às crianças que participaram activamente na actividade, e que se expressa no quadro como indicadores. De salientar ainda que, neste processo de análise aos depoimentos das crianças, se teve em linha de conta o número de ocorrências verificadas nos discursos que se expressam em termos numéricos (entre parentesis) no final de cada indicador.

Quadro 2 – Sinopse por categorias emergentes dos discursos escritos

Categorias	Indicadores
Presença do lúdico nas práticas didáctico-pedagógicas	"Foi tão divertido que não consigo explicar..." "Ao longo do percurso íamos fazendo jogos muito divertidos sobre plantas e animais." "Esse percurso pedestre foi divertido para mim e para os meus amigos. Foi divertido, mas acho que foi muito bom, esta viagem, e eu gostei imenso. Nunca tive uma visita de estudo tão divertida e gira como esta" (2) "Este percurso pedestre foi muito divertido para mim e para os meus amigos". "Se tu soubesses como eu me diverti sexta-feira foi uma diversão..." "Amigo, devias ter visto como nos divertimos na visita de estudo à Albufeira do Azibo". (2)
Atitudes ambientais	"Presta muita atenção amiga, quando vais na rua e precisares de pôr uma coisa no lixo se não o encontrares não deites para o chão, guarda o papel e vais pô-lo no lixo quando chegares a casa."
Valorização das interações	"Quando saímos do museu fomos a ver se víamos animais por um telescópio aquilo" "Quería dizer obrigada aos professores da Escola Superior de Educação por esta viagem, que eu fiz com os meus colegas e, também, com a nossa professora" (2) "Na albufeira do Azibo fizémos um percurso pedestre... fui ver um museu onde havia pedras antigas e brincos e também encontramos um jarro inteiro" (2) "Fomos a um museu e vimos muitas coisas bonitas e interessantes". "Havia um museu com coisas que foram escavadas por baixo da terra". "Vimos um museu sobre coisas romanas que eram por exemplo: moedas, colares, fios, pedras e mais". (2) "Gostei tanto do museu que pedi à senhora para me mostrar outra vez". "A pessoa que lá estava a explicar [no Museu] tinha uma sabedoria que tu nem imaginas!... tinha lá coisa que foram descobertas por arqueólogos". "Com as estagiárias ficámos a conhecer mais coisas do que sabíamos sobre a natureza". "Ouvimos uma professora dizer para cuidarmos da natureza". "Ouvimos uma palestra sobre os animais, os cuidados que devíamos ter com eles e o barulho que não se podia fazer na natureza e que não se podia poluir".
Organização das actividades num espaço e tempo pedagógicos diferenciados	"Fizémos um jogo que era pôr os objectos nos animais certos, e nas árvores certas". (2) "Tirámos apontamentos para fazermos um resumo". (2) "Fizémos um percurso, uma caça ao tesouro". (4) "Passámos por vários postos e cada posto tinha uma actividade". "Fomos a uma palestra que nos mostraram vários tipos de animais e depois num microscópio a observar animais pequeninos e plantas".

<p>“Fizemos um percurso onde tínhamos de procurar e descobrir coisas”. (2)</p> <p>“Tivemos uma aula pequenina sobre animais aquáticos e sobre árvores”.</p> <p>“Na aldeia de Santa Combinha foi realizado um percurso pedestre”.</p> <p>“[Realizaram] actividades sobre o que disseram na palestra, sobre a natureza, as folhas das árvores e os animais”.</p> <p>“Vi muitas coisas e aprendi...”.</p> <p>“Gostei muito... se pudesse voltava lá outra vez”</p> <p>“Quando nos fomos embora queria ficar mais um pouco na Albufeira do Azibo.” (2)</p> <p>“A paisagem do rio do Azibo era lindíssima... vimos árvores enterradas”.</p>
--

Numa análise global às categorias que emergiram do total dos dez discursos poderemos aventar que ao lado das práticas escolares podem e devem caminhar discursos pró-ambientais que em cada prática, pensada de uma forma integrada com as diferentes áreas curriculares, possa ter uma orientação metodológica que permita à criança realizar simples observações *in situ* através do contacto directo com seres vivos ou com determinados fenómenos e, observações mais meticulosas que tanto podem ser realizadas em locais próprios ou posteriormente na escola, caso se estipule esse tipo de tarefa, devendo existir um maior raciocínio ou concentração. De facto o que estas crianças valorizaram mais nos discursos escritos foram, por ordem de ocorrência de registos quantificáveis, a *organização das actividades num espaço e tempo pedagógicos diferenciados*. Com isto pensamos poder inferir que é importante que se pense colectivamente sobre o necessário ajustamento do espaço escolar e dos tempos pedagógicos que se proporcionam às crianças cuja formação é da nossa responsabilidade. Neste sentido as diferentes possibilidades que proporcionamos ficam, também, dependentes do espírito inventivo e criativo de quem pensa a organização de actividades que promovam uma educação ambiental, mas também da disponibilidade de outros organismos que se inserem no meio e cuja responsabilização deve ser accionada, por exemplo através dos educadores ambientais.

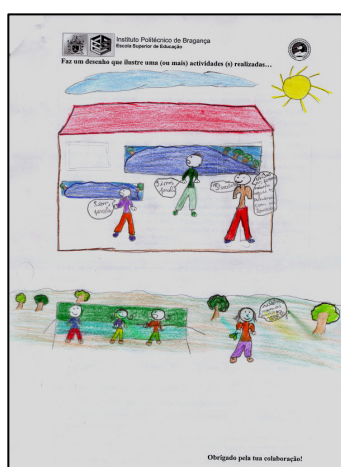
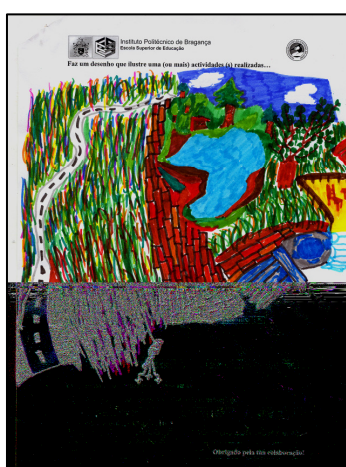
Numa posição somenos importante surgiu a *valorização das interações* que se estabeleceram entre todos os sujeitos que participaram nas actividades planeadas. A forma como as crianças entenderam o valor das interações que ocorrem na vivência em sociedade vêm confirmar a experiência prática que Giordan e Souchon (1997) apontam e realçam ao referirem que se deve “criar um contexto que leve a acção educativa a sair do quadro escolar” (p.112). torna-se evidente nos discursos das crianças o poder que a sua participação e a participação do outro (colegas, professores, alunos adultos e formadores) teve na acção educativa que se realizou num contexto que permitiu uma abordagem no âmbito da educação ambiental e que se constituiu como uma ocasião valorativa e de interpenetração entre a escola, enquanto instituição *edifício* escolar, e a comunidade, enquanto *edifício* aberto. Realçam também a interacção que estabeleceram com os materiais, sobretudo no espaço do museu arqueológico que visitaram.

A participação activa em todas as actividades é salientada nos discursos onde existe a *Presença do lúdico nas práticas didáctico-pedagógicas*, categoria que emergiu em função do que as crianças registaram como divertido, tão divertido que uns nem conseguiam explicar e outros reforçavam o valor do lúdico para o amigo a quem escreveram: “Amigo devias ter visto como nos divertimos na visita de estudo à Albufeira do Azibo nunca tive uma visita de estudo tão divertida e gira como esta”. Se tivermos o cuidado de analisar estas e outras palavras anotadas anteriormente verificámos que

esta acção se inscreveu numa actividade dinâmica o que permitiu, para além da vertente lúdica, uma formação que agradou a todas as crianças.

Para terminarmos este processo de análise salienta-se o discurso que integramos numa categoria no âmbito das *Atitudes Ambientais*, embora tenhamos um só registo. Este facto poderá ter a ver com a forma como a criança foi solicitada a escrever, notando-se que se deu o tema para a escrita, mas permitiu-se a livre expressão da criança, o que não poderia ser de outra forma uma vez que o objectivo era a redacção de uma carta a um amigo ou amiga onde contavam a aventura que vivenciaram na albufeira do Azibo.

Complementaram os registos escritos através de suportes icónicos, ilustrando a actividade que mais gostaram de realizar. Da globalidade desses registos apresentamos, a título de exemplo, três desenhos que se podem observar nas figuras 9, 10 e 11.



Figuras 9, 10 e 11 – Registos icónicos das crianças

Partindo da observação dos desenhos das crianças percebemos a diferenciação pedagógico-didáctica das actividades em que se proporcionou a envolvimento.

4. Considerações Finais

A educação ambiental, como componente essencial no processo de formação e educação permanente, com uma abordagem vocacionada para a resolução de problemas, contribui para o envolvimento activo das crianças, torna o sistema educativo mais relevante e realista e estabelece uma maior interdependência entre estes sistemas e o seu ambiente natural e social, com o objectivo de um crescente bem-estar das comunidades.

É necessário mudar mentalidades, comportamentos e atitudes perante o meio envolvente, bem como tomar consciência e assumir responsabilidades, tendo como finalidade adoptar um modo de estado mais sustentado e em maior consonância com as leis da natureza. Para tal é necessário haver dinamização de actividades organizadas segundo o esquema descrito com a actividade sobre a qual se reflecte para que possamos obter um conjunto de elementos de resposta positiva do impacte da acção empreendida. Também percebemos que as crianças construíram competências no âmbito de

uma educação ambiental de acordo com os objectivos inicialmente propostos, numa correlação onde puderam intervir saberes de outras áreas curriculares.

Referências bibliográficas

Fernandes, A., Gonçalves, F., Pereira, M., & Azeiteiro, U. (2007). Educação Ambiental: características, conteúdos, objectivos e actividades práticas. O caso português. In F. Gonçalves, R. Pereira, U. Azeiteiro, & M. J. Pereira, *Actividades práticas em ciência e educação ambiental* (pp. 11-41). Lisboa: Instituto Piaget.

Giordan, A. & Souchon, C. (1997). *Uma educação para o ambiente*. Mem Martins: Instituto de Inovação Educacional/Instituto de Promoção Ambiental.

Dewey, J. (2002). *A escola e a sociedade e a criança e o currículo* (Tradução de Paulo Faria, Maria João Alvarez e Isabel Sá). Lisboa: Relógio D' Água.

Díaz, A., P. (2002). *Educação Ambiental como projecto*. Porto Alegre: Editora Artmed.

IUCN (1994). *Directrices para las Categorías de Manejo de Areas Protegidas*. IUCN - Commission on National Parks and Protected Areas, Gland, Switzerland.

IUCN (2002). *Sustainable Tourism in Protected Areas - Guidelines for Planing and Management*. IUCN - Commission on National Parks and Protected Areas, Gland, Switzerland.

Ministério da Educação (2004). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico - 1º Ciclo*. Mem-martins: Departamento da Educação Básica.

Novo, M. (1998). *La educación ambiental. Bases éticas, conceptuales y metodológicas*. Madrid: Ediciones Unesco e Editorial Universitas, S.A.

Oliveira, L.F. (1992). *Educação Ambiental – guia prático para professores, monitores e animadores culturais e de tempos livres*. Lisboa: Texto Editora.

Vila Nova, E. (1994). *Educar para o Ambiente – projectos para a área-escola*. Lisboa: Texto Editora.